

O FOLHETIM

PUBLICAÇÃO DIARIA DE ROMANCES

DIRIGIDA POR VISCONTI COARACY E SANTOS CARDOSO

ASSIGNA-SE na Rua do Hospício 85	Preço da assignatura por mez	Para a Côte 1\$000 Para as Provincias... 1\$500	AS ASSIGNATURAS começam no 1.º de cada mez
--	------------------------------	--	--

A BASTARDA

SEGUNDA PARTE

JOANNA E MAGDALENA

II

A CANÇÃO DE NICASIO

(Continuação.)

Foi longa a lição.

O mascate teve de repetil-a varias vezes; mas afinal Antoninha conseguiu aprendel-a, embora imperfeitamente.

Concluida que foi, a rapariga e o mascate não se separaram logo, comquanto fôsse quasi meia-noite.

Na sua qualidade de mascate, Nicasio era curioso.

Ora, havia em Thil-Châtel mais de um mysterio, que elle estava desejoso de conhecer.

— Antoninha, disse elle rentando a conversação, lembra-se de que, quando estavamos ceiando, me disse que a Sra. Joanna já não se ria com ninguem, e andava triste... muito triste?...

— Lembro-me, e é verdade o que disse.

— Mas então que lhe falta? ella é moça, bonita como uma santa, tem dinheiro á farta.... e vive triste!... que tem ella?

Antoninha meneou a cabeça e não respondeu logo. Nicasio insistiu.

— Pois sim, respondeu a rapariga; minha ama está apaixonada...

— Pelo Sr. Luciano de Villedieu, não é verdade?

— Justamente.

— Mas isso é velho, Antoninha. Ha muito tempo que elle attrahiu a attenção de sua ama... e no entanto ella não andava triste...

— Porque esperava que elle tambem lhe prestasse attenção e acabasse amando-a por seu turno.

— E agora?

— Agora, ella já perdeu essa esperanza...

— Acaso o Sr. Luciano já se casou com a Sra. Magdalena?...

— Ainda não, mas é como se já se tivesse casado; os banhos foram publicados... e minha ama chora, e se afflige... Ora, imagine que ella me dizia ha pouco que daria tudo quanto possue, se fosse necessario, para desmanchar esse casamento... e que desejava ter alguem que matasse a Sra. Magdalena... Vê que ella estava fóra de si nesse momento, pois é tão boa, tão boa, que nunca a vi fazer mal a ninguem.

— Pois ella disse semelhante cousa?

— Disse, sim. — Então, puz-me a chorar e pedi-lhe que socegasse, pedi-lhe tanto, que ella serenou e tornou-se meiga como um cordeiro... Até fallou-me do senhor...

— De mim?... a que respeito?

— Pensa ella que o senhor é meu namorado...

— Mas... ao menos não se mostrou contraria a essa idéa..?

— Oh! não!... Disse até que o senhor era um bom rapaz, e que, se nos casassemos, ella me daria tres mil francos...

— Excellente alma!... exclamou o mascate. De todo o coração beijaria o chão onde ella pisa. — E que lhe respondeu você, Antoninha?

— O senhor é muito curioso!...

— E' que estou ancioso por chamal-a — *minha mulherzinha*...

Desde esse ponto, a conversação entre o mascate e a rapariga tornou-se um colloquio de namorados, em cujas particularidades não nos parece opportuno entrar.

E as horas se passavam.

A noite illuminava-se de vagos clarões, pois que a lua surgia no horisonte, e o ar tornava-se cada vez mais fresco.

Subito calafrio advirtiu a criada de que era mais que tempo de recolher-se á cama.

— Boa noite! disse ella a Nicasio, com quem acabava de trocar o beijo de noivos; até amanhã...

E iam separar-se, quando Felpudo, que estava deitado aos pés de seu senhor, levantou-se e deixou ouvir um surdo rosnar.

Ao mesmo tempo, ouviu-se á pouca distancia um leve ruido.

Nicasio e Antoninha olharam.

A porta da sala grande, que nunca se fechava senão com o trinco, acabava de abrir-se.

Um vulto inteiramente branco sahio dalli, e, sem voltar a cabeça, encaminhou-se a passo lento e pesado para o portão do recinto.

Antoninha, com grande surpresa de Nicasio, não deu a menor demonstração nem de medo, nem de admiração.

— Que é aquillo? perguntou-lhe o mascate.

— E' o idiota.

— Aonde vai elle?

— Não sei, e elle não o sabe melhor do que eu.

— Nunca ouvi fallar nesse individuo... Ha muito tempo que elle está aqui?

— Ha tres ou quatro mezes...

— De que é que elle vive?

— Do pão que lhe dão sem que elle o peça, pois que nunca pede cousa alguma...

— Onde passa elle o tempo?...

— Ora aqui, ora no castello de Vezay,—e tambem nas herdades... — Já o conhecem em toda a parte, e, como não faz mal a ninguem, encontra sempre um lugar ao canto da lareira e na granja.

— E quando lhe fallam?

— Não responde.

— Nunca?

— Nunca.

— Acaso será mudo?

— Póde muito bem ser, pois que ninguem o ouviu pronunciar palavra... Passa horas inteiras sem se mover, — come e vai-se embora!

Nicasio, querendo vêr outra vez esse singular individuo, olhou para o lado que elle havia tomado.

O homem, porém, tinha desaparecido já.

Antoninha e o mascate despediram-se de novo, e desta vez separaram-se.

Dissemos que, ao lado do banco de pedra onde elles tinham estado sentados, havia uma portinha, com uma abertura no alto, em fórma de losango.

Essa portinha era a da cavallariça onde João Claudio fechára o companheiro de viagem de Nicasio.

III

AMOR DE MOÇA

Em um dos precedentes capitulos dissemos algumas palavras, mas de modo vago, a respeito do que se passára em epocha anterior, — aquella em que Joanna Caillouet andava procurando, sem encontral-o, aquelle que, segundo os sonhos de sua imaginação exaltada, devia ser o heroe de seu romance de moça.

Era então que Joanna, amazona infatigavel, passava a vida nos campos e nas mattas, montada em Black-Nick, seu poney bretão de longas crinas.

Um dia, — cerca de um anno antes dos acontecimentos que fazem o assumpto da segunda parte desta obra, — Joanna cavalgava sob as frondosas

ramagens da bella floresta do Herbizy, situada entre Villedieu e Thil-Châtel.

Em um largo caminho, por onde poderiam passar de frente dous carros, encontrou ella um moço que montava com correcta elegancia um bello cavallo inglez de raça pura.

Esse moço de vinte e cinco ou vinte seis annos de idade, — moreno e pallido, — tinha grandes olhos expressivos, um bigodinho retorcido e cabellos negros, naturalmente annellados sob um bonet de veludo.

Seu trajo, muito simples, mas bem assentado no corpo, consistia em um casaco curto apertado á cintura e abotoado até á gravata, e em uma calça cinzenta clara, quasi justa.

Sua mão direita brincava com uma chibatinha de chifre de rhinoceronte, e a esquerda domava de modo magistral o impetuoso ardor do cavallo.

A belleza mascula e apurada gentileza daquelle cavalleiro teriam sido notadas em toda a parte, — mesmo nas alamedas do Bosque de Bolonha.

No momento em que o poney de Joanna se cruzava com o cavallo inglez, este ultimo espantou-se e deu um salto terrivel.

Joanna, assustada, voltou-se na sella.

O moço inclinou-se sobre a fluctuante crina de sua cavalgadura, que elle já havia domado, e saudou sorrindo-se a Joanna Caillouet.

Esta retribuiu ligeiramente o cumprimento, e, sem saber porque, enrubeceu toda.

Blak-Nick recebeu, ao mesmo tempo, da mão de sua senhora uma violenta chibatada e partiu no mais desenfreiado galope.

O moço, que era o visconde Luciano de Villedieu, admirou a audacia da graciosa cavalleira, e depois, sem mais pensar naquillo, seguiu o caminho que conduzia ao castello de Vezay.

Infelizmente, a impressão produzida na moça por Luciano não se extinguiu do mesmo modo.

Durante o resto do dia foi ella perseguida pela imagem daquelle cavalleiro de olhos negros, que a saudára com um sorriso.

Essa imagem povoou-lhe os sonhos durante a noite.

Dispertando, a moça apoiou a mão no coração, e pareceu-lhe perceber que elle batia com mais força do que na vespera.

Joanna confessou então a si propria, com deliciosa emoção, que encontrára o seu *ideal*, o *vencedor* de sua alma, tal como o pintavam todos os romances que ella havia lido.

Comprehendeu que ia amar....

A' mesma hora da vespera, montou a cavallo e dirigiu-se para a floresta de Herbizy.

Nem um só momento punha em duvida que um feliz acaso traria alli ao mesmo tempo o gentil cavalleiro.

Foi illusoria essa esperanza.

Durante o seu longo passeio, não encontrou Joanna senão rachadores de lenha, curvados ao peso de suas volumosas cargas.

A moça voltou a Thil-Châtel um tanto triste...

Durante tres dias seguidos os seus passeios na floresta foram sem resultado.

Afinal no quarto dia, viu ella de longe aproximar-se um cavalleiro, a quem reconheceu pelas precipitadas pulsações de seu coração.

Joanna pôz o seu cavallo a passo.

O Sr. de Villedieu, passando por ella, compri-mentou-a como da primeira vez, mas com a polidez grave de um homem de sociedade.

Nem reparou que um tom de vivissimo carmin substituiu nas faces da moça a avelludada pallidez que lhes era habitual.

Para os corações absolutamente juvenis, para as imaginações exaltadas, tudo é acontecimento, tudo é materia para conjecturas.

— Porque, complimentando-me, não sorriu-se elle para mim?... — perguntou consigo mesmo Joanna.

Na sua ignorancia da vida, não comprehendia a pobre menina que o primeiro sorriso do visconde Luciano tinha sido motivado e autorizado de algum modo pelo apparente perigo que elle acabava de correr e pelo qual ella parecêra interessar-se, ao passo que no segundo encontro aquelle sorriso, que cousa nenhuma justificava, teria sido acto de familiaridade inconveniente.

Essa subtiliza, porém, repetimo-l'o, devia escapar á inexperiencia de Joanna.

Experimentou ella nova tristeza, que durou até á noite.

No dia seguinte, tratou de informa-se e soube o nome do cavalleiro em quem pensava incessantemente.

Durante o lapso de duas ou tres semanas, Luciano e Joanna Caillouet se encontraram quasi todos os dias.

O moço complimentava, a moça tornava-se rubra, e continuavam ambos seu caminho em sentidos diferentes.

Quando se ama, — e principalmente quando se ama pela primeira vez, — interpretam-se as menores cousas conforme os desejos que se têm.

Joanna, — construindo sempre o seu romance, — persuadiu-se, com toda boa-fé, de que, com o unico fim de vel-a durante alguns segundos, era que o Sr. de Villedieu passava daquelle modo todos os dias, á mesma hora, pela floresta de Herbizy.

Ora, era inteiramente o contrario que se deveria dizer.

O visconde Luciano não encontrava Joanna senão porque Joanna tinha o cuidado de achar-se na sua passagem.

Quanto a elle, nem sequer se admirava da frequencia daquelles encontros.

Attribuia-os aos acasos dos passeios quotidianos de Joanna, — admirava a graça e a belleza da amazona, — o seu porte elegante e aristocratico, — a macieza de sua cutis, — a sedosa abundancia de seus cabellos louros.

Admirava tudo isso; mas, desde que havia passado além, não pensava mais em Joanna.

Não pomos em duvida um só momento que, se Luciano tivesse o coração livre, apaixonar-se-hia por Joanna Caillouet, — sentir-se-hia atrahido para

ella, senão por violenta paixão, ao menos por ter-na sympathia.

O visconde, porém, amava á outra.

Tinha dado sua alma inteira á Magdalena de Vezay, e fóra desse sentimento exclusivo nada mais existia para elle.

Uma noite, — era na festa da padroeira de uma aldeiola dos arredores de Thil-Châtel.

Uma duzia de barracas com seus toldos de lona e installadas no largo da igreja, ostentavam as seducções dos pães-doces, das gaitas e das sortes.

Sob um renque de arvoredos, os rapazes e as raparigas dansavam aos acordes duvidosos que tiravam de uma flauta e de uma rabeca dous musicos nomadas trepados em duas pipas.

Joanna tinha ido á festa, acompanhada por Antoninha, e estava vendo dansar.

O Sr. de Villedieu passou, seguido por um la-cao.

Impellido pela curiosidade, entregou a rédea do seu cavallo ao lacaio e aproximou-se dos grupos.

Joanna avistou-o, — corou e empallideceu sucessivamente.

O visconde, por sua vez, reparou na presença da moça.

Entre pessoas que se encontram e complimentam todos os dias, o conhecimento está quasi feito, — embora nunca se hajam fallado.

O visconde aproximou-se de Joanna e disse-lhe sorrindo-se :

— Minha senhora, se deseja tomar por alguns momentos parte na dansa desta pobre gente, e se lhe falta para isso apenas um cavalleiro, permitta apresentar-me...

Demasiado commovida para pronunciar uma palavra, Joanna, por unica resposta, pôz a sua na mão do visconde.

Zuniam-lhe os ouvidos, o sangue affluia-lhe ao coração, parecia-lhe que o chão lhe fugia sob os pés — soffria quasi, e no entanto era feliz.

A contradansa começou.

De que fallou o Sr. de Villedieu ao seu par?

De tudo e de nada, — do seu bonito poney Blak-Nick, — dos antigos robles de Herbizy, do solar de Thil-Châtel, dos camponios que os viam dansar, pasmados de admiração, emfim das desafinações da flauta e dos guinchos da rabeca...

A tudo isto que respondia Joanna?

Não poderíamos dizel-o, — nem mesmo sabemos se respondia, e francamente isso nos parece duvidoso.

Nas palavras de Luciano, Joanna não ouvia senão a musica da voz harmoniosa do moço...

Sob cada palavra indifferente, ella acreditava adivinhar uma nota amorosa...

A contradansa acabou.

Era tempo.

Joanna suffocava á força de ventura, a cabeça tonteava-se-lhe; ella ia cahir.

O Sr. de Villedieu não fez reparo naquella emoção, ou, se notou-a, attribuiu-a ao excesso de uma timidez de collegial.

Despediu-se da moça, e tornou a montar a cavallo, dizendo consigo :

— Esta rapariguinha é bem bonita; mas pôde-se conversar com ella uma hora, sem que se lhe arranquem tres palavras...

E, mettendo o seu cavallo a trote largo, poz-se a pensar que muito tempo teria de passar-se ainda até que chegasse a hora de vêr no dia seguinte a sua adorada Magdalena.

Logo que o tropel do cavallo do Sr. de Villedieu cessou de fazer-se ouvir, Joanna deixou por sua vez a festa, — com grande pezar de Antoninha, que se divertia e esperava dansar com os mais bonitos rapazes da aldeia.

— Oh! minha ama, minha ama! balbuciou em tom supplicante a criada, demoremo-nos mais uma hora... uma hora só!..

— Pois bem, fica tu ahi, minha filha... voltarei sózinha... Thil-Châtel não dista muito...

— Ah! isso é que não, minha ama! Deixa-la ir assim sózinha, de noite!... Pois não! eu vou tambem....

E, tomando heroicamente a sua decisão, a gentil criadinha acompanhou a ama.

Caminhando, Joanna repetia consigo mesma, e com indizível dilicia :

— Elle me ama! elle me ama!... tenho a certeza!..

Levava o paraizo no coração.

IV

PRIMEIRA DÔR.—LUTA E DERROTA

Nesta vida, infelizmente, quasi sempre as alegrias mais vivas são as mais passageiras.

Para Joanna Caillouet a amarga realidade devia bem depressa succeder á miragem fallaz.

Chegando a Thil-Châtel, de volta da festa da aldeia vizinha, disse a Antoninha que subisse com ella para despil-a immediatamente.

Por um capricho que pareceu estranho á criada, Joanna mandou acender todas as velas dos dous candelabros.

— Acaso vai minha ama dar algum baile esta noite? dizia consigo mesma Antoninha.

E accrescentava logo :

— Nesse caso, muito melhor fôra ficar na festa!...

Nós, que lemos melhor do que Antoninha no pensamento da nossa heroína, podemos explicar qual era o seu intuito assim se rodeiando de ondas de luz...

A moça queria convencer-se, vendo-se com seus proprios olhos, de que Luciano de Villedieu, naquella noite, devia tel-a achado bonita.

Interrogou, pois, um grande espelho, e esse espelho condescendente respondeu-lhe mostrando a mais radiante imagem que até então se reflectira na sua superficie.

Joanna não estava vestida, como de costume, com uma amazona preta ou de côr escura.

Trajava um vestido branco, de cassa da India, de adoravel simplicidade.

Uma dupla fita de seda azul, posta sobre o corpinho a modo de suspensorios, — e alguns laços da mesma côr, eram o unico enfeite que se destacava na vaporosa fazenda.

Os longos cabellos louros da gentil castellã emolduravam com seus dourados anneis o delicado e aristocratico oval de seu semblante.

Um chapellino de palha, ornado de uma fita azul, completava aquelle fresco vestuario.

Jamais Joanna se vira tão formosa.

Sorriu-se á sua imagem, e esse sorriso duplicou-lhe a formosura.

— Elle me ama!... murmurou ella; elle me ama!... deve amar-me...

Depois, ajudada por Antoninha, começou lentamente a despir-se.

Durante alguns minutos reinou entre ellas absoluto silencio.

Joanna, absorta em sua meditação, não pronunciava uma unica palavra, e Antoninha não ousava fallar-lhe.

Trançava com cuidado e delicadeza as magnificas madeixas louras de sua ama.

De repente, Joanna interrompeu aquelle silencio.

— Antoninha, perguntou ella, viste-me dansar esta noite?...

— Vi, minha ama, e nunca em minha vida vi dansar com tanta graça... Veja o que é ter aprendido em Paris!..

— Reparaste, Antoninha, no moço que dansou comigo?...

— Reparei, minha ama, e elle dança tão bem como a senhora...

— Conheces esse moço?

— Como não havia de conhecê-lo?... elle é cá da terra, e eu tambem... E' o Sr. Luciano... o filho unico do Sr. de Villedieu, que se afogou no Loire vai para vinte annos...

— E como o achas tu, Antoninha?

— Oh! minha ama! é um bonito moço... e muito bondoso, ao que parece...

— Ah! elle é bondoso?...

— Dizem-n'o todos. Faz muitas obras de caridade nestas quatro leguas em redor; e quando se vai ao seu castello pedir alguma cousa, tem-se sempre a certeza de obter-se o que se deseja...

Como Joanna se sentia feliz ouvindo fallar assim daquelle a quem amava!..

Antoninha proseguiu :

— Sim, minha ama, o Sr. Luciano é bom e bonito... e devo ser justa, sua mulher é bonita e boa tambem... ha de ser o casal mais perfeito destes logares!...

Joanna fez um movimento tão brusco, que Antoninha teve que largar-lhe os cabellos, que com difficuldade abarcava em ambas as mãos.

(Continúa no proximo numero.)